

OS PERCURSOS DE ORLANDO RIBEIRO E MARIANO FEIO ATÉ AOS COMEÇOS DO CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

ORLANDO RIBEIRO

NOTA INTRODUTÓRIA por SUZANNE DAVEAU¹

O texto que segue foi provavelmente escrito por Orlando Ribeiro em 1984, na altura em que Mariano Feio se jubilou. Manteve-se até hoje inédito porque, afinal, foram umas notas sobre a cidade de Évora que serviram de contributo aos Estudos em Homenagem a Mariano Feio, publicados em 1986. O presente texto completa, de certo modo, a contribuição que o próprio Mariano Feio redigiu em 1980 e que se publicou em 1984, no 1.º volume do Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro: «La rénovation par Orlando Ribeiro de la Géographie au Portugal et les débuts du Centre d'Études Géographiques de Lisbonne».

Escrito de modo mais intimista, este texto, visivelmente inacabado, trata o mesmo tema, mas insistindo nas diversas formações escolar e universitária, e personalidades complementares dos dois fundadores do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa (criado formalmente pelo Instituto para a Alta Cultura em Abril de 1943), bem como no ambiente científico e humano em que os dois geógrafos conseguiram, com enorme esforço e grande êxito, realizar em 1949 o XVI Congresso Internacional de Geografia. Este texto pode ser considerado como um capítulo avulso das Memórias, que Orlando Ribeiro ia, naquela altura, completando e que serão, em breve, publicadas.

Por mais de uma vez evoquei as origens da minha carreira de geógrafo, pensando tornar-me medievista – pela profunda admiração que a figura moral e intelectual de Herculano me inspirou, preparando-me por sérios estudos de latim medieval e língua arcaica, a que acrescentei o árabe, complemento indispensável para compreender o decurso e permanência das civilizações peninsulares. Mas dominava o meu espírito outra faceta: a contemplação da paisagem, sempre comentada por meu avô, velho de pouca instrução, mas inteligência robusta e bem alimentada.

¹ Investigadora do Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
E-mail: s.daveau@mail.telepac.pt

Um notável professor do liceu, exigente, severo e antipático, ensinava a Zoologia e a Botânica, fundadas na observação, e a Física e a Química, na experiência. Talvez na altura não tivesse consciência do ensino que recebi, desagradava-me a extensão da terminologia e sentia-me muito mais atraído pela biblioteca, onde comecei a fazer as primeiras leituras de literatura e de história de Portugal. No 6.º e 7.º anos, tive um grupo de professores notáveis, aprendi a exprimir-me com clareza, concisão e elegância e o professor de Geografia montara um posto meteorológico rudimentar e ministrava os fundamentos da Geografia Física com recurso de um modelo reduzido de areia, pedras, água corrente e chuva por aspersão, a que os colegas chamavam por troça a «doca de Alcântara».

A este excelente ensino seguiu-se, no 1.º ano da Faculdade, o de um professor que foi por certo o mais nulo e nefasto que encontrei; não havia nenhuma noção exposta com acerto, as aulas eram ditadas, os únicos factos de observação referidos eram os «vales suspensos» da Outra Banda e uns sulcos da erosão torrencial numa íngreme calçada que saía do Jardim da Estrela. Quando lhe pedi bibliografia mostrou-se espantado, dizendo que apenas se indicavam textos em línguas e literaturas estrangeiras, que falava muito devagar e nunca perguntava mais do que dera nos apontamentos. Este débil mental a que é caridoso não lembrar o nome, estranhamente escolhido por um mestre por cuja mão haviam passado bons alunos, amargaria a triste escolha do meu curso se nele não tivesse conhecido Manuel Ramos, há muito cego e visivelmente fatigado mas ainda às vezes fulgurante, e, por minha conta, David Lopes, um dos melhores arabistas e historiadores do seu tempo, cuja correspondência, publicada pelo seu discípulo José Pedro Machado, mostra como em toda Europa sábia as suas opiniões ou ponderações eram solicitadas com o maior respeito.

Embora Silva Telles tivesse rasgo, vasto conhecimento do Globo e o sentido muito vivo das originalidades regionais, renunciara às excursões e nunca nos mostrou um mapa de grande escala; aristocrata, «descendente de nobres guerreiros da Índia», muito viajado, frequentador assíduo de congressos, falando várias línguas, era um professor aliciante, embora carecesse de bases de pesquisa pessoal. Aliás tive aulas com ele apenas no ano do seu passamento e foi substituído por outro, nulo como o anterior, embora não tão caricato. Excepto com Silva Telles, e além de leituras pessoais, em que este foi o único a orientar-me, nada aprendi de Geografia na Universidade. Mas viajei muito à minha custa, ou como professor do Colégio Infante de Sagres, fazendo diante de colegas e alunos comentários à paisagem que foram sempre a parte mais atractiva e receptiva do meu ensino.

O que me levou a trocar a História pela Geografia foram as proporções grandiosas do *Tratado de Geografia Física* de de Martonne, que encontrei na Biblioteca Pública de Viseu, onde ia passar as férias com os avós, dando grandes passeios a pé, percorrendo estradas «romanas», rústicas aldeias, a solidão dos montes e pinhais e ganhei um entranhado gosto pela observação. Os monumentos e a vida tradicional da cidade, a que os meus ascendentes estavam

profundamente ligados, completavam os passeios ao campo, com o farnel aviado, para sair de madrugada e regressar às vezes à noite. Por outro lado, os *Princípios de Geografia Humana* de Vidal de La Blache mostraram-me a História poderosamente entrelaçada com a Natureza, as raízes antigas do presente e as duras labutas de camponeses e pastores, homens de ofício, feirantes e almoceves (a Feira Franca de Viseu, em Setembro, é das mais concorridas do Norte de Portugal), lojecas modestas, onde os donos se contentavam com reduzidos proventos, praticando em geral a mais escrupulosa lisura. Nascido e criado entre gente humilde, sentia-me, por um lado, profundamente enraizado no terrunho e aberto aos caminhos do Mundo pois, da minha família de Viseu, um tio alcançou prosperidade em Angola, casando com uma senhora mestiça, de quem tinha uma filha, recordando com profunda saudade dois criados pretos, falecidos em Viseu e tratados e estimados como pessoas de família, e dois tios, também em Angola, que a certa altura deixaram de mandar notícias, entre-endo-se confusamente o seu fim numa biliosa ou num alevante de pretos.

Nesse tempo, o curso de Geografia e História compreendia duas cadeiras obrigatórias tiradas na Faculdade de Ciências; um dos professores, que aliás concorrera também à Faculdade de Letras, onde emparelharia dignamente com os dois docentes a que fiz referência, limitava-se a ditar apontamentos em grande parte traduzidos. Corrigia a péssima qualidade deste ensino o então jovem assistente Torre de Assunção, cujas aulas práticas contrastavam com o ensino verbal geralmente ministrado na Faculdade de Letras e colocavam o jovem estudantinho, nutrido de erudição histórica, perante o deslumbramento de uma ciência rigorosamente dedutiva e lógica – a Cristalografia – notando-se face, diedros, vértices e truncaturas numa projecção estereográfica – puro jogo de espírito em que pela primeira vez me senti atraído. Chamava-se a isso na gíria académica projectar «batatóides»; seguia-se o exame macroscópico, a análise laboratorial e a análise microscópica de minerais e rochas e, no fim do ano, muito à pressa, passavam-se em revista os fósseis mais característicos que ritmam a história da Terra e a evolução dos continentes e oceanos.

Pereira de Sousa, professor de Geografia Física, era um geólogo de campo, um observador rigoroso, e reconstituiu, pelos resultados mais ou menos catastróficos, um dos maiores sismos conhecidos, o de 1755. O seu ensino era desordenado, por vezes caótico, mas de um entusiasmo comunicativo. Lembro a emoção com que dirigiu uma visita às formações vulcânicas de Carnaxide, verificando com trasbordante entusiasmo que um desastre recente não lhe impedia a observação de campo. Nas férias seguintes, abrindo ocasionalmente o jornal, vi o seu retrato e pensei que nova tarefa ia ocupar o seu espírito. Infelizmente, tratava-se da nota do seu falecimento, o que muito me impressionou, pois tendo-me ele classificado da maneira mais elevada (a despeito de ser aluno de Letras), pensava pedir-lhe para seguir activamente o curso de Geologia.

Por indicação dum naturalista do Museu Mineralógico e Geológico, carácter excelente, destituído de ambição científica mas sabendo julgar os colegas e animar os novos – Souza Torres – segui o único ensino de Geologia de nível



Mariano Feio e Orlando Ribeiro
no Jubileu do Professor Orlando Ribeiro, a 16 de Fevereiro de 1981.

internacional que então se ministrava entre nós, no Instituto Superior Técnico, destinado ao curso de Engenharia de Minas, mas aberto a qualquer outra especialidade.

Este ensino era poderosamente renovador: os princípios de Geologia eram ministrados sempre que possível através da sua identificação em Portugal. Na tarde de 5.^a feira, a partir da última paragem de eléctricos, fazíamos uma excursão, sempre que o tempo o permitia e que se alongava à medida que os dias cresciam no decurso do ano. Fleury era implacável com a pretensa aplicação de noções teóricas à realidade observada. Sua primeira pergunta era: «O que estamos a ver aqui?». A seguir obrigava-nos a desenhar com a maior nitidez os cortes observados. Apesar de indiferente ao frio e ao Sol, as tardes de chuva pegada imobilizavam-nos no laboratório, aproveitando-as para uma longa sessão de trabalhos práticos, ora levantando perfis geológicos, ora observando cuidadosamente os fósseis mais característicos. É obvio que este ensino nos colocava perante as incertezas, os problemas e os resultados da Geologia geral, mas ao contrário de tantos cursos universitários que nada tinham a ver com a localização das escolas, ele insistia sempre num conhecimento aprofun-

dado da evolução geológica dos arredores de Lisboa. Cada um pagava do seu bolso o bilhete de eléctrico ou o copo de água-pé, infelizmente não havia dinheiro para excursões distantes; no último ano, Fleury levou-nos à barragem do Pego do Altar, numa epigenia do Sado sobre um *out-layer* de Maciço Antigo, rodeado de formações terciárias. Como os alunos eram poucos, e bastante interessados, o mestre, como reverentemente lhe chamávamos, teve a generosa atenção de prolongar o curso por mais um trimestre dedicado à Geologia do Quaternário.

Este ensino rasgou-nos novos horizontes de pesquisa e, embora não fosse propriamente de Geografia, vi como através de uma ciência próxima se pode formar o espírito e consolidar a vocação de geógrafo-naturalista, característica que reinvidico para os meus estudos há meio século e que constitui a originalidade e o traço marcante de todas as minhas pesquisas. Poucos anos depois, passaria por este ensino Mariano Feio, que foi convidado para assistente, preferindo um estágio na Alemanha, para colmatar lacunas que reconhecia na sua formação.

O destino tece às vezes estranhas malhas. Já professor da Universidade de Coimbra, entre «venerandos mestres» que há muito nada tinham feito ou cedo renunciaram à observação de campo, o meu propósito, reiterado dois anos depois em Lisboa, era fundar o ensino na observação e empreender nela o estudo da Geografia de Portugal. Simplesmente a carreira universitária era insegura, as dotações irrisórias e o caminho corrente do ensino liceal atraiu o meu primeiro aluno coimbrão; mas nem ele, nem um discípulo que herdara as qualidades brilhantes de Silva Telles, se arriscaram à carreira para que quase à força os empurrava. O meu aluno coimbrão, Amilcar Patrício, com quem iniciei uma pesquisa de campo sobre os terraços do Mondego na região de Coimbra, ainda depois procurei amparar. Treinado em reconhecer mantos e cortes de cascalheiras, o acaso propiciou um encontro em Beja, onde Mariano Feio convalescia de um grave desastre e Patrício ensinava no liceu.

Entre os elementos activos de Coimbra estabeleceu-se uma relação que os maus fados dificultaram. Durante as longas férias da Sorbonne e as que Girão me permitia generosamente alargar, posto que também ele praticou e apreciava a pesquisa de campo, fiz as primeiras observações científicas importantes, tanto no domínio da evolução do relevo, como no da vida rural e pastoril, discutindo com os meus mestres de Martonne e Demangeon os resultados obtidos e caminhos de pesquisa, e alcançando deste modo as primeiras consagrações oficiais. A quem ocorra aprofundar relações humanas e científicas aqui apenas esboçadas, consulte as publicações do Centro de Estudos Geográficos, onde se procuram abrir caminhos e novas ideias, arredando implacavelmente observações incompletas e conclusões mal fundamentadas. A despeito de hábitos e ideias inveteradas, esforcei-me sempre por iniciar alguns jovens, animar outros da minha idade e, por minha iniciativa, o Instituto de Alta Cultura fundou um Centro de Estudos Geográficos que o catedrático preferiu ignorar, embora causando-me, à socapa, embaraços e arrelias.

Uma das minhas mais profundas desilusões foi a passagem no liceu, onde tivera alguns professores notáveis, tanto pelo saber como pela capacidade de comunicação no ensino e, mais ainda, por curiosidades que sabiam despertar em nós, ainda que nem sempre com a adequada resposta. A impressão desoladora da Faculdade de Letras de Lisboa era a da mediocridade, impudor intelectual, onde sem favor se podia dizer que ensinavam, na saborosa expressão camiliana, «algumas adultas e descompassadas bestas», a despeito de raros professores que deixaram rasto na Ciência, uns falecidos, outros aposentados, outros ainda no fim da carreira, desiludidos de tanta luta estéril.

O ambiente de Coimbra era sem dúvida superior. Quase todos os moços da minha geração haviam feito prolongados estágios em centros de reputação científica internacional, acumulando-os, como fora o meu caso, com a função de leitor. Como noutras universidades tradicionais, respirava-se ainda um ar de velha Europa e os encargos docentes e a condução da vida científica repartiam-se indiscriminadamente entre nacionais e estrangeiros de boa vontade e bom convívio. Infelizmente, a Geologia e a Geografia, que desta nascera, não estavam neste caso. O trabalho de campo não era habitual, Amorim Girão, por motivos de saúde, saía pouco e em vivos e comunicativos comentários de paisagem, misturava finas observações com os mais irresponsáveis dislates, encavacando-me às vezes, quando se virava para mim e me perguntava com toda a seriedade: – Não é verdade, Sr. Fulano? Um professor não catedrático, geralmente ainda alcunhado de «assistente», só tinha duas saídas: ou fazer de parvo perante os alunos, ou explicar ao venerando mestre toda a extensão da sua ignorância.

Foi isso que me levou a ir ao Porto sempre que podia, às vezes para ouvir concertos, que não se davam em Coimbra, e para conviver com colegas e estabelecer amizades que duraram toda a vida. A Carlos Teixeira e Cotelos Neiva muitas vezes arranquei com aprazimento ao museu de fósseis e ao laboratório de Petrografia para fazermos, em conjunto com as pesquisas de Zbyzewski, meu companheiro da Sorbonne, observações de campo que renovaram o estudo do Quaternário português. Em breve se juntou a nós outro geólogo, irónico e bem disposto, em que reconheci a solidez de formação de campo que recebera do nosso mestre comum Fleury, o profundo conhecimento da língua alemã, que infelizmente nunca cheguei a dominar, e o ensino da Geomorfologia de Machatchek que teria ocasião de comprovar com a do meu mestre e infatigável andarilho H. Lautensach. O espírito alemão exercera sobre mim uma influência profunda, através do pensamento e da arte, dos voos metafísicos, das arquitecturas musicais e da mais exacta e exigente condução do raciocínio.

Como notou Mariano Feio, se bem que numa margem reduzida dos nossos estudos, o vigoroso temperamento de investigador de Leite de Vasconcelos exerceu sobre mim mais do que sedução intelectual, autêntica e nunca desmentida afectividade. Leite era mais velho que meu pai e amava-o e respeitava-o como filho; deslumbrava-me o profundo e laborioso conhecimento da língua alemã, a aplicação que o fazia ler todas as manhãs, como quem traduz uma língua antiga, dizendo muitas vezes que era melhor saber alemão do que ter uma

quinta. Mas não se ficava por aqui, nas românticas margens de *unser Vater Rhein* evocava como poeta lendas célticas e germânicas, heróicos combates e louras fadas que, ávidas dum juventude descuidosa, atraíam aos perigos da navegação aqueles que se confiavam demais aos seus encantos ou capacidade de resistência a forças mágicas, aliciantes como poucas.

Só o mundo da música parecia indiferente a Mariano Feio que um dia descobriu Bach e, com grande alegria de quem o incitava neste conhecimento, a possibilidade de passar às formas mais depuradas da música. Nas longas noites de Verão, em que uns recolhiam ao quarto e outros vagueavam pelas ruas e alamedas, os dois fraguavam em larga parte uma cultura comum.

Infelizmente para mim, a preparação matemática do engenheiro Mariano Feio era-me muito mais inacessível do que para ele a arte dos sons. Mas quando comecei a ver as suas prosas e a publicar os primeiros trabalhos de conjunto, eu que tanta gente procurara ensinar a escrever, encontrei na estrutura lógica de Mariano Feio a mais desejável preparação para as propriedades fundamentais do estilo científico: clareza e concisão. Neste homem, seco de carnes e de ideias, brotava às vezes com ar escarninho uma ironia que, com o andar dos tempos, animou os seus comentários a problemas científicos, económicos e sociais de um discreto toque de elegância em que é lícito ver a aproximação de configurações intelectuais tão diferentes como as nossas. O que nunca vi foi aplicar os seus profundos conhecimentos de matemática além do rigor que eu próprio haurira do estudo comparado das línguas.

Entusiasta, combativo até levar tudo ao arrepio, implacável com a mediocridade ambiente e não raro conflituoso, aprendi com o meu incomparável companheiro de trabalho a moderar-me, esperar a melhor ocasião e, sem deparar-me do profundo idealismo que sempre alimentou a vida do meu espírito, aprendi que neste País é indispensável caminhar com prudência, até ser ou parecer sorna, pois é mais importante conseguir um resultado do que assumir uma posição pessoal espectacular e até brilhante.

Mariano Feio conheceu a dura repressão nazi, eu convivi em Paris com refugiados russos e judeus fugidos da Alemanha; dois foram os meus alunos no leitorado, um chegou a Professor do Colégio de França (I. S. Révah), onde eu haveria esporadicamente de ensinar, outro a professor de línguas ibéricas na Universidade de Pensilvânia, com a habilitação de uma tese sobre os Românticos Portugueses e a Alemanha (Gerald Moser), que fui o primeiro a sugerir e, tanto quanto cabia nas minhas limitações, a animar e ajudar. O ar de Liberdade não soprava sobre a Península, mas creio que nada houve de comparável ao aparelho repressivo da URSS e da Alemanha hitleriana. Naturalmente liberais e tolerantes, resolvemos não sacrificar a carreira científica, ideal supremo da nossa vida, a manifestações políticas em que, além de a pormos em risco, éramos pouco convictos.

Ao evocar os primeiros e duros tempos do Centro de Estudos Geográficos, que foi a nossa grande obra comum, as angústias e os êxitos do XVI Congresso Internacional de Geografia, que nos aventuramos a reunir em Lisboa depois da

guerra e a mostrar e comentar aspectos fundamentais da natureza e da humanidade de Portugal, raras vezes dois espíritos bem vincados terão ido tão longe na reciprocidade da tolerância. Ao evocar «em anos adiantados de existência» o meu primeiro discípulo, afinal já também jubilado, é-me particularmente grato referir uma colaboração que, se nem sempre contínua, foi a cada momento aberta aos caminhos do mundo, pois Mariano Feio acompanhou-me à Índia e a Angola, investigou no Nordeste do Brasil, quando de lá me pediram um professor qualificado, e dedicou ao Sudoeste de Angola um trabalho que pelas longas e atraentes viagens e a lenta incubação está muito acima de qualquer das monografias que pude elaborar.

Se a idade e a doença me afastaram do Centro de Estudos Geográficos, por mais de uma vez tive de lembrar à ambiciosa petulância dos novos que o Centro não era eu, nem foi só criado por mim, nem acreditado pelos meus trabalhos no mundo da audiência geográfica internacional, mas que se devia ao auxílio constante e até ao amparo moral de um amigo a quem tanto devo na minha própria formação intelectual e humana. Quero crer que da nossa obra e da nossa acção alguma coisa perdure, no rigor e na exactidão do pensamento científico, assim como no nosso propósito, infelizmente comum a homens de estudo que lutam com embaraços materiais, falta de audiência, mediocridade invejosa e atrevida, para darem ao seu País mais clara consciência das suas possibilidades e limitações, tanto de ordem natural como humana, do peso de um ensino livresco e pouco receptivo à observação – base e coroamento dos nossos estudos, criando na «inteligência» maior sentido de responsabilidade, de dever e de autêntica liberdade.

Uma diferença fundamental separou a carreira de geógrafo interventor de Mariano Feio, com uma formação de ciências aplicadas e o sentimento da responsabilidade da terra que herdou e entendeu dever fazer prosperar, e o meu feito mais especulativo, destituído de formação científica aplicada, defendendo a inutilidade da Ciência como um puro e atraente exercício do espírito, ainda que o simples e limitado exercício da cidadania me tenha fortalecido na convicção de que raro se não tirará dela, quando bem feita, proveito educativo ou mesmo espectaculares e imediatas aplicações. Como Estrabão, continuamos a pensar que se a Geografia, pelo seu carácter especulativo, é «matéria de filósofo», deve procurar também a «arte de viver e a felicidade», cada vez mais indispensável nos trágicos desencontros do Mundo actual.

Do que conseguimos fazer dá testemunho meio século de Geografia portuguesa. Passámos sobre as desilusões e amarguras e na «molesta senectude», serenos e resignados, prosseguiremos até onde as forças, que minguem, afinal ainda alguma coisa permitem: um pouco de trabalho com os novos e a afectuosa recordação dos antigos, que sempre procuraram entender-se numa obra em que cada um se sentia participar. Recordo apenas os que «antes de nós na estrada se sumiram»: Francisco Tenreiro, meu secretário na preparação do Congresso, que se desviou da Sociologia para a Geografia sem perder o alargamento das suas bases; Clélia de Vasconcelos, a primeira aluna em quem pusemos espe-ranças

mas preferiu o liceu; o grande geólogo Carlos Teixeira e o grande etnólogo Jorge Dias, entusiastas e alegres companheiros de viagens por todo Portugal. Nos vivos não vale a pena falar, pois em todos persiste a saudade de momentos que a responsabilidade dos encargos às vezes tornava duros mas que a amizade, sólida e sincera, adoçava numa camaradagem onde a pouca autoridade que exercia provinha apenas da mais larga e reflectida experiência – coisas que é sempre grato e reconfortante recordar.